UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE LETRAS
LETRAS - PORTUGUÊS

JAINE DA SILVA OLIVEIRA NERI

REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA EFETIVA SOBRE O PIBID

Maceió
2024

JAINE DA SILVA OLIVEIRA NERI

REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA EFETIVA SOBRE O PIBID

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Português da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado/Licenciatura em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes.

Maceió
2024

Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

N445r Neri, Jaine da Silva Oliveira.
Reflexões de uma professora de língua portuguesa efetiva sobre o PIBID / Jaine da Silva Oliveira Neri. – 2024.
38 f. : il.

Orientador: Luiz Fernando Gomes.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 38.

1. Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência (Brasil). 2. Língua Portuguesa - Estudo e ensino. 3. Professoras - Reflexões. 4. Análise comparativa. I. Título.

CDU: 811.134.3

Folha de Aprovação

JAINE DA SILVA OLIVEIRA NERI

REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA EFETIVA SOBRE O PIBID

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Letras - Português da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 21 de novembro 2024.

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes – FALE-UFAL

_____

Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira - FALE- UFAL

_____

Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho – PPGLL- UFAL

Aos meus pais,

que caminharam ao meu lado em cada etapa deste sonho, acreditando em mim mais do que eu mesma acreditava às vezes. Por investirem não apenas recursos, mas amor, confiança e força. Este trabalho é tão meu quanto de vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me capacitar e me conceder forças para chegar até aqui, sendo minha base em todos os momentos.

Ao meu orientador, professor Dr. Luiz Fernando Gomes, por seu olhar empático e por me orientar com paciência e sabedoria.

Aos professores da Faculdade de Letras, que contribuíram imensamente para minha formação.

Aos meus pais, Antonio Filipe e Joseane Neri, por me amarem incondicionalmente, por investirem na minha educação e acreditarem fielmente no meu potencial, sendo meu maior suporte e inspiração.

Aos meus avós, Jorge Pedro e Tereza Oliveira, que sempre me amaram como uma filha e por estarem presentes em todas as fases da minha vida, oferecendo amor e apoio em cada passo da minha trajetória.

Ao meu tio Adeilson Oliveira (in memoriam), que, com seu orgulho e palavras de incentivo, sempre dizia que eu era inteligente, ensinando-me o valor de amar e valorizar as pessoas enquanto as temos conosco.

Ao Pedro Alves, meu esposo, por ser meu parceiro, especialmente nesta reta final, estando ao meu lado em todos os momentos e me encorajando a seguir adiante com confiança e determinação.

Aos meus alunos, que me inspiram diariamente e me impulsionam a ser uma profissional melhor.

E, finalmente, a mim mesma, por não ter desistido, por enfrentar os desafios com coragem e por sempre buscar dar o meu melhor, mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

.

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre o **ensino de Língua Portuguesa** a partir de uma **análise comparativa** entre duas experiências pedagógicas: a aplicação de conteúdos sobre Artigo de Opinião, Crônica e Poema em três aulas ministradas durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (**PIBID**), enquanto graduanda, e outras três aulas ministradas como professora efetiva em uma escola particular do interior de Alagoas. O objetivo é identificar se foi possível aplicar integralmente os conhecimentos adquiridos no **PIBID** na prática docente em sala de aula, considerando os desafios, as adaptações necessárias e as reflexões geradas a partir dessas vivências. A pesquisa pretende contribuir para a compreensão das diferenças entre o contexto formativo e o cotidiano profissional, incentivando **reflexões** sobre a transição de acadêmicos para o mercado de trabalho e suas implicações no ensino da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; PIBID; Reflexões; Análise comparativa.

ABSTRACT

The present work seeks to reflect on the teaching of Portuguese Language from a comparative analysis between two pedagogical experiences: the application of contents on Opinion Article, Chronicle and Poem in three classes taught during the participation in the Institutional Program of Scholarships for Initiation to Teaching (PIBID), as an undergraduate, and another three classes taught as an effective teacher in a private school in the interior of Alagoas. The objective is to identify whether it was possible to fully apply the knowledge acquired in PIBID in the teaching practice in the classroom, considering the challenges, the necessary adaptations and the reflections generated from these experiences. The research aims to contribute to the understanding of the differences between the training context and the professional routine, encouraging reflections on the transition of academics to the job market and its implications in the teaching of the Portuguese language.

Keywords: Portuguese Language Teaching; PIBID; Reflections; Comparative analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Interação dos alunos no chat do *Google Meet* 25
Figura 2 – Mapa Mental elaborado..... 26
Figura 3 – Recorte da atividade complementar publicada no Instagram..... 26
Figura 4 – Recortes do meme publicado no Instagram..... 27
Figura 5 – – Recorte do reels publicado no Instagram..... 28
Figura 6 – Recortes da atividade de fixação..... 29
Figura 7 – Algumas produções poéticas dos alunos..... 31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação entre as metodologias utilizadas no PIBID e na escola..... 35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
FALE	Faculdade de Letras
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

LISTA DE SÍMBOLOS

@ Arroba

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	14
2	**JUSTIFICATIVA**	20
2.1	**Justificativa Pessoal**	20
2.1.1	Justificativa Profissional	21
2.1.1.1	Justificativa Acadêmica	22
3	**OBJETIVO**	23
3.1	Entre o Aprender e o Ensinar: Caminhos Traçados no PIBID.....	24
3.1.1	A Realidade da Sala de Aula: Relatos da Docência Efetiva.....	31
3.1.1.1	Da Formação à Prática: Reflexões Comparativas entre o PIBID e à Docência Efetiva.....	34
4	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Escolher que profissão seguir quando se está no Ensino Médio não é uma tarefa fácil. Afinal, aos 17 anos, os jovens ainda estão se descobrindo, querendo saber quem são e qual a missão que devem desempenhar. Entretanto, parafraseando a banda Los Hermanos, *é preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê* (2003, Sony BGM). E foi assim que em 2018, cursando o 3º ano do Ensino Médio, ingressei no curso de Letras - Português.

Em 2019, logo comecei a estudar na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no segundo semestre do ano. Estava radiante com o ambiente, com os professores e com os aprendizados que vinha adquirindo. Eu conseguia sentir que ali eu iria conseguir a bagagem necessária para desenvolver a minha futura profissão com excelência.

Em 2020, a pandemia de Covid-19 interrompeu abruptamente as atividades da universidade, resultando na suspensão das aulas por um semestre, em razão das complexidades sociais e econômicas enfrentadas pela comunidade acadêmica. Após um período experimental, as aulas retomaram de forma remota no final do ano. No entanto, essa transição ocorreu em um momento de grande incerteza, intensificando o meu abalo psicológico que, antes cheios de determinação, agora lidavam com a frustração e a ansiedade em relação ao impacto da pandemia em sua formação acadêmica.

Com o retorno das aulas, ingressei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde atuei de 2020 a 2022, de forma remota, no subprojeto de Letramento em Língua Portuguesa. O PIBID é uma iniciativa do Governo Brasileiro voltada para a formação de professores e oferece aos estudantes de licenciatura a oportunidade de se envolverem com a prática docente em escolas públicas, sob orientação de professores experientes. Ele visa conectar a teoria com a prática, permitindo que futuros professores desenvolvam suas habilidades pedagógicas desde cedo e vivenciem o cotidiano escolar. A fim de fortalecer a formação docente e contribuir para a melhoria da educação básica no Brasil, preparando os licenciandos para desafios reais em sala de aula.

No projeto, desenvolvemos aulas e matérias para tornar o ensino e aprendizagem dos alunos mais interessante. Além de auxiliar os professores mais experientes com as novas ferramentas que surgem com o passar dos anos. Os professores que já estão atuando nas escolas são capazes de nos orientar com a prática e nós, licenciandos em formação, levamos para eles teorias que estão em evidência atualmente e nossas habilidades tecnológicas para que os professores consigam alcançar o avanço tecnológico.

A atuação dos pibidiano nas escolas acontece gradativamente. Inicialmente, tínhamos encontros semanais com as professoras-supervisoras e quinzenais com os coordenadores – ambos virtualmente em virtude da pandemia do Covid-19 –, para adquirir mais conhecimentos de mundo, compartilhar novas ferramentas de ensino e compreender o funcionamento das aulas no modelo remoto.

Durante as primeiras semanas, realizamos atividades de sondagem com o grupo de pibidianos para aprender a entender melhor as características da turma e identificar as necessidades específicas de cada aluno. Esse processo foi essencial para desenvolver uma visão mais clara sobre a dinâmica da sala e os estilos de aprendizagem dos estudantes, orientando a criação de estratégias pedagógicas mais eficazes e alinhadas ao contexto da turma.

Em apoio à professora responsável, desenvolvemos slides para auxiliar na elaboração das aulas, oferecendo uma abordagem visual que facilitasse o entendimento dos conteúdos. A professora já utilizava slides, mas ainda estava presa a modelos mais antigos e pouco atrativos. Com isso, optamos por projetar slides em plataformas mais atuais, com um visual esteticamente mais agradável, o que ajudou a tornar as aulas mais organizadas e dinâmicas, oferecendo uma base estruturada para os tópicos abordados e incentivando a interação dos alunos com o material apresentado. Entre os conteúdos trabalhados, exploramos temas como o Período Barroco, o Texto Dissertativo e a Crônica, buscando sempre relacionar os conceitos teóricos a exemplos práticos e visuais que facilitassem a compreensão. A professora se mostrou bastante receptiva à nossa colaboração, apreciando a forma como conseguimos enriquecer o ensino e engajar os alunos.

Além disso, criamos um perfil no Instagram[1] e no YouTube[2] para compartilhar cards e vídeos curtos sobre os conteúdos lecionados. A ideia era aproveitar essas plataformas para tornar o aprendizado mais acessível e divertido para os alunos, criando uma ponte entre os temas estudados e o mundo digital, ao qual eles já estão bastante acostumados. Nesses espaços, compartilhávamos dicas, resumos, e outros materiais de forma leve e atrativa, visando engajar os alunos e expandir o alcance do conteúdo abordado no *Google Meet*[3].

Pensando também nos alunos que não utilizavam redes sociais, disponibilizamos uma pasta no *Google Drive* [4]e um mural no *Padlet* com os mesmos materiais compartilhados no Instagram e no YouTube. Essa iniciativa garantiu que mais alunos tivessem acesso ao

[1] https://www.instagram.com/9anos.aulasdeportugues?igsh=MXZwbmZqdWZrdXA3bQ==
[2] https://youtube.com/@9sanosprojetopibidlinguapo493?si=S9KOY1KpZboBTiIv
[3] Plataforma de videoconferências desenvolvida pelo Google.
[4] https://drive.google.com/file/d/1FKThXEA0ig-_nMxnm6xijjoo-GQe4xQr

conteúdo, promovendo inclusão no processo de aprendizagem. Os alunos sem Instagram conseguiram acessar e acompanhar o material com facilidade, reforçando o compromisso do projeto em garantir o acesso ao conteúdo para todos.

Além disso, durante todas as aulas da professora-supervisora, atuávamos de forma participativa nos bastidores, auxiliando os alunos no chat e esclarecendo as dúvidas que surgiam durante as exposições dos conteúdos. Esse acompanhamento constante nos permitiu não apenas ajudar os alunos em tempo real, mas também identificar as principais dificuldades que encontravam, o que nos auxiliava a ajustar e aprimorar nosso planejamento nas aulas subsequentes. Estivemos presentes em aulas sobre temas variados, como Período Barroco, Texto Dissertativo Argumentativo, Poema, Crônica, Recursos Verbais e Não Verbais, e Concordância Verbal e Nominal, assistindo atentamente e tirando dúvidas para garantir que os alunos tivessem o melhor aproveitamento possível.

A participação ativa nesse processo foi fundamental para percebermos as áreas que exigiam maior atenção e desenvolver estratégias pedagógicas mais eficazes para atender às necessidades da turma. Após esse período de estudo e sondagem, tivemos a oportunidade de lecionar algumas aulas. Para mim foi o momento mais aguardado e especial do projeto, pois ali eu teria a certeza de que queria ser professora mesmo – ou não. Ao fim da primeira aula me senti feliz, importante e com a certeza de que eu queria ser professora. A ideia de passar o que eu sabia para aqueles jovens e tentar de alguma forma convencê-los de que o estudo devolve todo o nosso esforço foi inesquecível. Naquele momento pude me sentir viva e, de alguma forma, visualizar o meu propósito.

Para minha primeira aula, ministrei um conteúdo sobre Artigo de Opinião junto com uma colega do projeto. Buscamos uma abordagem que tornasse o tema mais atrativo e relevante para os alunos, e, para isso, preparamos um mapa mental digital. Além disso, escolhemos um artigo de opinião sobre Vingadores – Guerra Infinita (2018, Marvel Studios), por se tratar de um dos filmes de maior bilheteria e que na época, Thanos, um dos personagens do filme, estava em evidência por causa de memes que surgiram na internet, o que facilitou a identificação e o interesse dos alunos pelo assunto.

Os alunos ficaram animados desde o início da aula, interagindo ativamente no chat e demonstrando interesse pelo conteúdo. A inclusão dos memes foi um sucesso, pois trouxe leveza ao tema e conectou a teoria com algo que eles viam nas redes sociais, facilitando a compreensão do conceito de artigo de opinião e os elementos que compõem esse gênero textual. Essa interação foi importante para engajar os alunos e despertar uma participação mais espontânea.

Após a aula, preparamos um vídeo curto, seguindo uma das trends do *TikTok*, para reforçar o conteúdo e alcançar os alunos nas plataformas que eles mais utilizavam na época segundo eles: o *Instagram*. O vídeo foi bem recebido e gerou engajamento, servindo como uma revisão divertida da aula e mantendo o tema presente na mente dos alunos de forma descontraída. Esse recurso ajudou a consolidar o aprendizado de forma leve e eficiente.

A experiência foi incrível e muito gratificante para mim, pois os alunos participaram com interesse, tiraram dúvidas e até compartilharam no *chat* que tinham gostado bastante da aula. Saber que os alunos estavam atentos e se sentiam motivados para aprender comigo foi recompensador e trouxe um grande sentimento de realização.

O engajamento continuou positivo no *Instagram* do projeto, onde muitos alunos curtiram e comentaram as publicações. Essa experiência me mostrou o quanto a criatividade e o uso de ferramentas digitais podem enriquecer a prática docente, aproximando os conteúdos da realidade dos alunos e promovendo uma aprendizagem significativa e participativa.

Em 2022, ainda no PIBID e apaixonada pela profissão que escolhi, comecei a trabalhar como professora efetiva de Língua Portuguesa em uma escola particular no interior de Maceió. Nesse momento, o que eu buscava aprender no PIBID com coordenadores e colegas, tornou-se minha responsabilidade prática como professora, aumentando significativamente minhas obrigações.

Neste novo ciclo como professora efetiva, pude identificar e enfrentar diversos problemas que impactaram diretamente o processo de ensino-aprendizagem e minha atuação docente. Dentre eles, destaco a dificuldade em mediar a turma na escola, principalmente devido ao barulho constante, o que torna desafiador estabelecer um ambiente propício à aprendizagem; no entanto, essa realidade contrastou significativamente com minha experiência no PIBID, onde os alunos interagiam apenas pelo chat do *Google Meet*, o qual podia ser fechado estrategicamente em momentos de dispersão. Além disso, enfrentei obstáculos para cativar os alunos e engajá-los de forma significativa dentro do contexto das aulas. No PIBID, tínhamos maior êxito nesse aspecto, pois conseguíamos alinhar os assuntos trabalhados ao cotidiano dos alunos, promovendo maior atenção e participação. Outro ponto crítico foi a dificuldade em implementar aulas interativas e que atendessem aos princípios dos letramentos, uma vez que a carga horária extensa na escola limita o planejamento e a execução de estratégias mais dinâmicas e eficazes. No PIBID, no entanto, a carga horária de 12 horas semanais era organizada em etapas bem definidas — planejamento com a supervisora, desenvolvimento de materiais, aulas com os alunos e reuniões gerais —, o que proporcionava o tempo necessário para elaborar materiais e atividades que enriqueciam significativamente o processo educativo.

A rotina acadêmica acompanhada da nova jornada de trabalho trouxe à tona novos sentimentos acerca da docência. Uma coisa é você atuar com uma supervisora e companheiros de projeto; outra é você ser colocado em uma sala de aula e ter que dar conta de todas as pendências e conseguir administrar sozinha uma sala de aula. Para mim foi muito desafiador, pois a minha experiência foi no ensino remoto e no trabalho coletivo. Logo, tive de lidar não só com o meu protagonismo em sala, mas também com a modalidade que eu não havia contemplado ainda: o ensino presencial.

No início, comecei com 11 horas semanais, divididas em três turmas: 8º e 9º ano do Fundamental II e 1º ano do Ensino Médio. Nas primeiras semanas achei tranquilo, não tinha problemas com as turmas. Entretanto, acredito que eu ainda estava em fase de análise para os alunos, pois não demorou muito para que eles começassem a me testar. Infelizmente, das três (3) turmas que eu havia assumido, duas (2) eram muito barulhentas e dispersas. Eu desenvolvia slides, jogos pedagógicos e buscava desenvolver com frequência metodologias ativas, mas sempre sem sucesso. Essa sequência de frustrações me fez desanimar e parar de gastar tanto tempo pensando em novas inovações pedagógicas. Parecia que os alunos estava acostumados com um ensino mais autoritário e a aulas expositivas, sem muita interação deles.

Além disso, lembro-me que sofri muito para conseguir lidar com a conversa constante durante as aulas. Eu, enquanto estudante e pibidiana, estava acostumada com o silêncio na sala de aula. Vê-los conversando no momento da explicação dos conteúdos, por exemplo, tirava o meu foco e me desanimava. Lembro-me que no começo eu me culpava e sentia que eu não conseguiria me tornar uma boa professora, pois esses momentos me faziam questionar se a docência era para mim.

Não demorou muito para que esses acontecimentos me desmotivassem e, na tentativa de fugir de problemas com a gestão escolar e conseguir dar os conteúdos anuais, passei a seguir o sistema. As aulas passaram a ser cada vez mais tradicionais e eu continuava apenas para honrar meus compromissos. Não havia espaço para inovações na sala de aula, apenas nos trabalhos em grupos, os quais eles se dedicavam para obter a pontuação.

Após seis meses, peguei mais duas (2) turmas no colégio – 6º e 7º ano do Fundamental II – e a minha carga horária foi para 19 horas semanais. Embora as aulas ainda estivessem muito turbulentas, tentava progredir na tentativa de tornar o trabalho um pouco menos árduo. Os alunos começaram a perguntar por que eu não levava mais jogos pedagógicos e ferramentas diferentes, e eu compartilhava com eles as minhas frustrações. E foi assim que durante o meu primeiro ano como professora efetiva eu trabalhei: aulas expositivas e trabalhos inovadores.

No ano seguinte, a gestão escolar formalizou minha admissão, ofertou novas turmas e, consequentemente, a minha jornada de trabalho aumentou. Antes eu trabalhava apenas de manhã, 19 horas semanais e tinha cinco (5) turmas. Com a modificação, passei a dar aulas para os alunos do 3º ao 5º ano do Fundamental I também, saí do 6º e 7º ano do Fundamental II e assumi 2º e 3º ano do Ensino Médio. Com isso, comecei a trabalhar os dois horários, com 35 horas semanais e oito (8) turmas.

Neste intervalo de tempo a minha jornada no PIBID terminou e eu me casei, mas ainda era graduanda. Com isso, rapidamente, senti que estava sendo sufocada pela rotina exaustiva – casa, trabalho e estudos. Eu trabalhava de 07:00 horas até às 11:00 horas – uma vez na semana até 11:40 –, voltava de 13 horas e de 17 horas, quando largava, ia direto para a faculdade – de lá só chegava em casa às 23:00 horas (todos os dias).

A partir daí, o meu rendimento foi caindo. Eu me sentia extremamente cansada todas as manhãs, não tinha mais tanto tempo para planejar as minhas aulas com calma e corrigir trabalhos e provas. Passei a dormir cada vez menos e, com isso, tive uma sequência de problemas de saúde.

Na faculdade, apesar de conseguir dar conta das disciplinas, eu já não tinha muito tempo para me dedicar como gostaria, devido a carga horária excessiva de trabalho enfrentada por mim no início de minha carreira. Eu entrei na universidade em busca da excelência, mas a rotina de trabalho me obrigou a dar conta de todas as minhas obrigações como eu podia e não como eu queria. Lembro-me que involuntariamente cochilava durante algumas aulas, então passei a sair da sala algumas vezes para despertar. Além disso, eu já não interagia tanto durante as aulas e não conseguia ler os textos sugeridos nos prazos dados.

Quando se tratava de disciplinas didáticas, que envolviam mais a prática na sala de aula, eu me incomodava com discursos perfeitos de que é possível transformar a sala de aula. A realidade que eu estava enfrentando levou consigo toda a minha motivação e esperança por dias melhores. Comecei a perceber que nos momentos em que falávamos sobre nossas experiências em sala de aula eu só falava dos pontos negativos. Em todas as rodas de conversas eu pontuava os problemas e as dificuldades que eu vinha enfrentando. Não havia espaço para destacas os prazeres da docência, afinal, eu estava com o psicológico abalado e sentindo que a rotina havia roubando-me de mim.

2 JUSTIFICATIVA

2.1 Justificativa pessoal

A escolha do tema deste trabalho está diretamente relacionada aos desafios que enfrento no exercício da docência, conciliando a rotina de aulas, estudos e demandas administrativas, em um contexto que constantemente expõe os limites da prática pedagógica. Minha experiência docente tem sido marcada por dificuldades recorrentes, como a mediação da turma em sala de aula, a cativação e o engajamento dos alunos de forma significativa e a implementação de aulas interativas alinhadas aos princípios dos multiletramentos. Esses desafios, além de exigirem esforços constantes, refletem questões estruturais e pedagógicas que impactam a qualidade do ensino e o desenvolvimento profissional do professor.

Um dos aspectos que motivam este trabalho é a dificuldade que tive, no início, de mediar a turma em sala de aula, especialmente em um ambiente frequentemente marcado pela dispersão dos alunos. O uso constante de celulares e a facilidade de acesso a redes sociais criam barreiras significativas para a atenção e o foco dos estudantes. Esse cenário exige do professor um esforço constante para manter a ordem e criar um espaço propício ao aprendizado, o que, na prática, se traduz em uma sobrecarga emocional e física. Essa dificuldade é particularmente desafiadora quando somada à falta de respeito de alguns estudantes, que abala a relação professor-aluno e compromete a dinâmica das aulas.

Além disso, sinto a necessidade de compreender e desenvolver estratégias mais eficazes para cativar os alunos e engajá-los de maneira significativa dentro do contexto das aulas. Muitos estudantes demonstram apatia em relação aos estudos, o que dificulta não apenas o avanço das aulas, mas também o propósito do ensino. A falta de engajamento pessoal dos alunos, frequentemente influenciada por fatores externos e pelo distanciamento em relação à relevância dos conteúdos, apresenta um obstáculo que desafia a motivação do professor e exige abordagens pedagógicas que dialoguem diretamente com a realidade e os interesses dos estudantes.

Outro elemento que fundamenta este trabalho é a dificuldade de implementar aulas interativas e que contemplem os princípios dos multiletramentos. A necessidade de integrar diferentes linguagens, mídias e contextos culturais no ensino é uma demanda atual que considero essencial para formar cidadãos críticos e preparados para a complexidade do mundo contemporâneo. No entanto, a sobrecarga de tarefas e a limitação de carga horária têm dificultado a elaboração de aulas mais dinâmicas e inovadoras. Essa realidade contrasta com experiências anteriores em programas como o PIBID, nos quais o planejamento pedagógico

mais estruturado e o suporte institucional permitiam maior liberdade para criar práticas interativas e alinhadas às demandas educacionais atuais.

Portanto, este trabalho nasce da necessidade de refletir sobre essas questões e buscar caminhos que contribuam para superar os desafios da docência do século XXI. Ao abordar as dificuldades em mediar a turma, engajar os alunos e implementar aulas interativas, este estudo busca não apenas aprimorar minha prática pedagógica, mas também oferecer subsídios para outros educadores que enfrentam realidades semelhantes. Dessa forma, a pesquisa se propõe a refletir sobre as mudanças entre minha atuação no PIBID, marcada por contribuições mais planejadas e colaborativas, e minha prática atual como professora efetiva de Língua Portuguesa, evidenciando os desafios e aprendizados que emergem dessa nova realidade docente.

2.1.1 Justificativa profissional

A escolha do meu trabalho, intitulado "Reflexões de uma professora efetiva sobre o PIBID", é motivada pela sua relevância na formação inicial e continuada de professores, sem esquecer dos impactos causados pela jornada de trabalho. Além disso, é essencial considerar a figura do aluno pós-pandêmico, que muitas vezes se mostra mais impaciente, dependente das tecnologias virtuais e, em alguns casos, desrespeitoso. Nesse sentido, a partir da minha atuação no PIBID e, atualmente, como professora efetiva, busco refletir sobre a minha performance nas duas modalidades, respectivamente, a fim de compreender como pude agir perante os desafios desse contexto educacional.

Minhas reflexões sobre a formação de professores são frutos de uma vivência que me permite enxergar os desafios dessa jornada a partir de diferentes perspectivas. Estar dos dois lados — como professora e como alguém que já passou pelo processo de formação — me dá uma visão mais ampla e detalhada das dificuldades e lacunas que surgem quando nos deparamos com a prática diária em sala de aula. Por meio do meu relato, desejo compartilhar essas percepções com outros educadores, ajudando-os a entender que é normal sentir-se frustrado e pressionado, principalmente quando a prática não corresponde ao que foi aprendido teoricamente.

Ao relatar minhas experiências e aprendizados, espero desmistificar a ideia de que o professor recém-formado deve dominar todas as técnicas de ensino e aplicá-las com perfeição. Cada turma é única, com demandas e dinâmicas próprias, e nós, como professores, precisamos nos adaptar e reconhecer que o aprendizado é um processo tanto para os alunos quanto para nós. Não devemos nos culpar por não conseguir aplicar exatamente aquilo que aprendemos na

teoria, pois o ensino real é repleto de variáveis. Assim, ao compartilhar essas reflexões, busco incentivar outros professores a enxergarem a flexibilidade e a adaptação como aspectos fundamentais na prática docente, promovendo um ambiente de ensino mais leve e menos sufocante.

Outro ponto crucial que abordo em minhas reflexões é a falta de prática com que saímos da faculdade. Embora tenhamos sido preparados teoricamente, a realidade de sala de aula nos confronta com desafios para os quais muitas vezes não estamos prontos. A necessidade financeira, que nos leva a aceitar uma carga de trabalho intensa, faz com que sejamos lançados no ambiente escolar sem a experiência prática necessária. Esse salto entre a teoria e a prática pode ser assustador e desafiador, mas acredito que ao discutir essas questões, teremos como pensar em maneiras de tornar este processo na vida graduando de Letras menos complexo e desafiador, a fim de fazê-lo crescer no exercício da profissão.

Diante disso, a presente pesquisa pretende contribuir com a reflexão sobre os desafios enfrentados pelos professores em início de carreira, destacando os obstáculos enfrentados para a aplicação da parte teórica vista e desenvolvida na faculdade, em projetos de extensão e em programas de iniciação à docência. Ao abordar essas questões, o estudo busca promover uma reflexão sobre a realidade enfrentada pelo professor iniciante no Ensino Básico, analisando os desafios encontrados. Nesse sentido, a pesquisa destaca a importância de oferecer um suporte que permita a transição dos professores do ambiente acadêmico para a sala de aula de maneira mais planejada, garantindo condições que estimulem a inovação pedagógica e o desenvolvimento profissional contínuo.

2.1.1.1 Justificativa acadêmica

Este trabalho está embasado nos princípios da Linguística Aplicada (LA), especialmente no que se refere à formação de professores, e visa analisar, a partir das minhas contribuições, refletir sobre as dificuldades de um professor recém-formado e os desafios enfrentados para conciliar teoria da prática pedagógica, permite uma compreensão mais profunda dos processos de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Uma das razões para a importância deste trabalho é que ele permite observar de que maneira os futuros professores são afetados pela realidade da jornada de trabalho no contexto educacional. Muitos enfrentam sobrecarga de atividades e dificuldades de conciliar as demandas da prática com a qualidade do ensino que desejam oferecer. A LA fornece ferramentas para que esses docentes em formação reflitam sobre a prática, compreendendo melhor os desafios e as habilidades necessárias para lidar com eles. Dessa forma, ela pode ajudar a

construir profissionais mais resilientes e preparados para enfrentar as pressões cotidianas sem comprometer a qualidade do ensino.

Outro ponto relevante é que este trabalho também reflete sobre a desvalorização profissional e o impacto disso nas metodologias adotadas pelos professores. O desencantamento com a profissão, muitas vezes causado pela falta de reconhecimento e pela remuneração inadequada, pode levar os docentes a recorrerem a aulas mais tradicionais, que demandam menos planejamento e inovação. Essa prática pode acabar reduzindo a eficácia do ensino e desmotivando os alunos. A Linguística Aplicada, ao oferecer estratégias pedagógicas fundamentadas e adaptadas à realidade do ensino, surge como um apoio importante para que o professor se mantenha motivado e atualizado, mesmo diante das dificuldades estruturais e profissionais.

Por fim, este trabalho aborda a questão da desmotivação dos alunos, a falta de apoio escolar e as dificuldades enfrentadas na formação constituem fatores que afetam diretamente a prática docente e a qualidade do ensino. O trabalho aqui desenvolvido busca analisar esses aspectos, fornecendo um panorama de como as adversidades impactam a atuação dos futuros professores e como podemos amenizar essas dificuldades.

Em suma, este trabalho se torna relevante para a Linguística Aplicada por evidenciar como docentes iniciantes estão reagindo aos desafios no início de sua carreira e de que forma conseguem, ou não, colocar em prática os conhecimentos adquiridos na graduação e no PIBID. Através dessa análise, torna-se possível observar impactos da carga horária extensa, da desmotivação dos alunos e da falta de investimentos na educação e na valorização profissional do professor, fatores que influenciam diretamente na educação. Ao investigar esses aspectos, este trabalho contribui para uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados na formação inicial e aponta para a necessidade de suporte e políticas que valorizem e incentivem a prática pedagógica qualificada.

3 OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão comparativa sobre a aplicação prática dos conteúdos de Artigo de Opinião, Crônica e Poema, com base na análise de três aulas ministradas por mim no PIBID, enquanto graduanda e pibidiana, e outras três realizadas posteriormente na escola, já como professora efetiva, abordando os mesmos conteúdos. A intenção é observar se foi possível aplicar integralmente os conhecimentos e os recursos

pedagógicos que foram abordados no projeto, com o intuito de analisar criticamente minha evolução pedagógica, identificando aspectos nos quais obtive progresso, possíveis retrocessos e áreas que preciso aprimorar, levando em consideração os obstáculos que já foram mencionados neste trabalho.

Inicialmente, na seção 3.1, intitulada *Entre o Aprender e o Ensinar: Caminhos Traçados no PIBID*, serão apresentadas as contribuições realizadas durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Essa seção descreverá detalhadamente como as atividades referentes ao Artigo de Opinião, Gênero Crônica e Poema foram desenvolvidas, destacando os objetivos propostos, as metodologias empregadas e as estratégias didáticas aplicadas no contexto do programa.

Na seção 3.1.1, nomeada por *A Realidade da Sala de Aula: Relatos da Docência Efetiva* , o foco recairá sobre as contribuições realizadas no ambiente escolar como professora efetiva, com destaque para as aulas desenvolvidas sobre os mesmos temas trabalhados no PIBID. Serão apresentados os planejamentos elaborados, as adaptações necessárias ao contexto escolar e as metodologias utilizadas na aplicação do conteúdo. Além disso, serão analisadas as experiências em sala de aula, considerando as especificidades e demandas do público-alvo, bem como as estratégias adotadas para promover a aprendizagem.

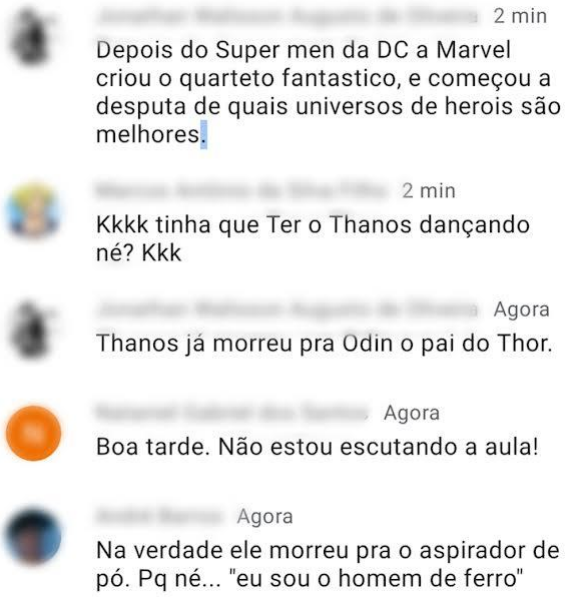
Por fim, a terceira seção, intitulada *Da Formação à Prática: Reflexões Comparativas entre o PIBID e à Docência Efetiva,* trará uma análise comparativa entre as experiências vivenciadas no PIBID e na prática docente efetiva. Esse estudo buscará identificar pontos de concordância e dissonância entre as duas realidades, destacando os aspectos que se mantiveram consistentes e aqueles que sofreram mudanças significativas. Também serão analisados os avanços e retrocessos observados, com o intuito de refletir sobre o que foi aprimorado, o que necessita de ajustes e como essas vivências contribuíram para o desenvolvimento profissional e pedagógico.

3.1 Entre o Aprender e o Ensinar: Caminhos Traçados no PIBID

No dia 03 de maio de 2021, iniciamos no *Google Meet* a aula sobre Artigo de Opinião com os alunos dos 9º anos A e B da Escola Estadual Alfredo Gaspar de Mendonça, localizada na cidade de Maceió. Começamos com a leitura e discussão de um texto do gênero textual em questão sobre o filme *Vingadores: Guerra Infinita* (2018, Marvel Studios), sem revelar de imediato as características do gênero. Esse momento foi envolvente, pois os alunos se empolgaram ao falar sobre o filme, discutindo cenas e aspectos da trama que conheciam bem.

Essa abordagem inicial, mais voltada para o entretenimento e familiaridade com o tema, ajudou a engajar os alunos, promovendo uma participação espontânea e animada.

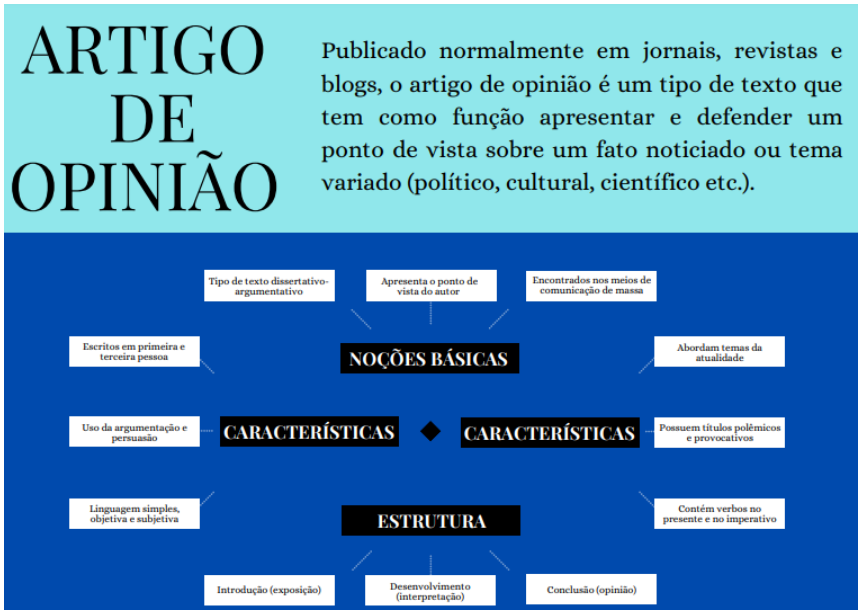
FIGURA 1 – Interação dos alunos no chat do *Google Meet*



1 **Fonte:** Blog PIBID em Ação (2021)

Depois que os alunos estavam imersos no tema, apresentamos um mapa mental com as principais características do Artigo de Opinião. Esse recurso visual nos permitiu conectar as observações que os alunos já haviam feito sobre o filme ao gênero, sem que soubessem de antemão que se tratava do gênero textual em questão. Com o mapa mental, conduzimos uma análise das características do Artigo De Opinião, relacionando-as com as ideias que os alunos já haviam expressado, o que tornou o aprendizado mais significativo e contextualizado.

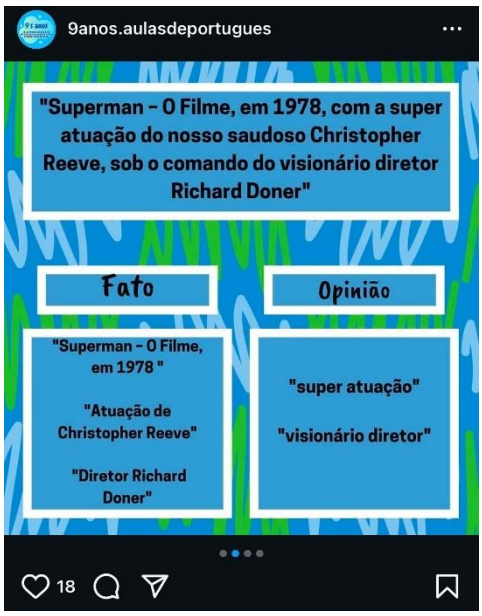
FIGURA 2 – Mapa Mental elaborado.



2 **Fonte:** Google Drive dos pibidianos.

Encerrada a aula, seguimos com atividades complementares fora do *Google Meet*, publicando no *Instagram* um quiz sobre o gênero estudado. Nosso objetivo foi explorar a aprendizagem de maneira leve e interativa, ampliando o entendimento sobre o gênero e incluindo também atividades que contemplassem também a crônica e o texto dissertativo. A partir de exemplos variados, estimulamos os alunos a identificarem e diferenciar esses gêneros, fortalecendo sua compreensão dos aspectos específicos de cada um.

FIGURA 3 – Recorte da atividade complementar publicada no Instagram.



3 **Fonte:** @9anos.aulasdeportugues

Marcuschi (2010, p.13) defende que “Os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som”. Amparados nisso, ainda no *Instagram* [5], publicamos um meme[6], nos stories, focado no artigo de opinião, para reforçar o aprendizado e trazer a aula para o cotidiano dos alunos. Essa interação visual e contextual proporcionou uma conexão entre o conteúdo trabalhado e o ambiente digital, facilitando a fixação das características do gênero discutido. O objetivo era ajudá-los a relembrar a aula e a reconhecer o artigo de opinião em diferentes contextos.

FIGURA 4 – Recortes do meme publicado no Instagram.



4 **Fonte**: @9anos.aulasdeportugues

Para finalizar o estudo sobre artigos de opinião, ao final do último encontro, postamos no Instagram um vídeo inspirado em uma trend[7]do *TikTok*[8] que apresentava, de forma humorística, o que era e o que não era características do artigo de opinião. Essa postagem visava tanto consolidar o aprendizado quanto incentivar os alunos a compartilharem o conhecimento com outros colegas, ampliando o alcance do conteúdo estudado.

[5] Rede social usada para compartilhar fotos e vídeos, permitindo interações por curtidas, comentários e mensagens.
[6] Conteúdo humorístico compartilhada de forma viral na internet, podendo ser uma imagem, vídeo ou texto com variações criativas.
[7] Tendência ou movimento popular que ganha destaque nas redes sociais.
[8] Plataforma de vídeos curtos, onde os usuários criam e compartilham conteúdos criativos, frequentemente acompanhado de música e efeitos.

FIGURA 5 – Recorte do reels publicado no Instagram.



5 **Fonte:** @9anos.aulasdeportugues

O ensino do gênero crônica nas escolas destaca-se por seu caráter acessível e democrático, sendo uma das formas mais eficazes de aproximar os alunos da literatura. Por sua linguagem compreensível e abordagem do cotidiano, a crônica permite que estudantes desenvolvam o hábito da leitura e da reflexão crítica sobre suas realidades. Como afirma Scliar (2011:101) "a crônica tem de ser democrática, portanto compreensível. [...] Para muitas pessoas é a grande, senão a única, forma de acesso à literatura". Essa característica faz com que o gênero seja um importante ponto de partida para o trabalho literário nas escolas, ajudando a formar leitores capazes de interpretar o mundo ao seu redor, além de estimular a escrita criativa ao propor que os alunos relatem suas próprias vivências de maneira literária e reflexiva.

Nesse contexto, a aplicação prática do ensino do gênero crônica em sala evidencia como sua abordagem acessível pode ser integrada ao aprendizado. Essa integração foi exemplificada durante o estudo o estudo do Gênero Crônica, quando a professora supervisora conduziu a aula utilizando slide previamente preparado para explorar o tema. Ela apresentou as principais características do gênero, explicou o processo de construção de uma crônica e mostrou um exemplo prático para ilustrar o conteúdo. A abordagem da professora permitiu que os alunos compreendessem as especificidades do gênero, observando como ele é utilizado para retratar situações cotidianas, partindo "daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura." (Cosson, 2007:35).

Enquanto a professora conduzia a explicação, eu e outros seis pibidianos ficamos responsáveis por auxiliar os alunos no chat do *Google Meet*, respondendo suas dúvidas em tempo real. Esse suporte paralelo foi essencial para garantir que todos estivessem acompanhando o conteúdo e tivessem suas questões rapidamente esclarecidas, contribuindo para uma melhor assimilação das características da crônica. Nossa função no chat também permitiu uma interação mais direta com os alunos, o que enriqueceu o processo de aprendizagem.

Após a explanação teórica, preparamos uma atividade de fixação para consolidar o conhecimento adquirido. No final da aula, tivemos um momento na plataforma para aplicar essa atividade: um jogo de verdadeiro ou falso sobre o gênero crônica. A ideia era reforçar os conceitos e verificar a compreensão dos alunos de forma interativa e dinâmica. No entanto, devido ao tempo limitado, não conseguimos concluir a atividade durante o encontro no *Google Meet*.

FIGURA 6 – Recortes da atividade de fixação.



6 **Fonte:** @9anos.aulasdeportugues

Segundo Seabra et al. (2014, p. 6), o uso das redes sociais “vem ampliando a interatividade e a flexibilidade de tempo no processo educacional, por isso é possível fazer uso das redes sociais para contribuir no processo de ensino-aprendizagem.” Nesse contexto, a o Instagram foi utilizado como um canal de apoio às atividades complementares, promovendo maior interação com os alunos. Como estratégia pedagógica, foi desenvolvido um jogo de

verdadeiro ou falso nos stories da plataforma, o que gerou um engajamento significativo por parte dos discentes.

A utilização do Instagram como extensão da sala de aula favoreceu não apenas a fixação do conteúdo trabalhado – neste caso, sobre o gênero textual crônica –, mas também proporcionou uma experiência de aprendizado mais dinâmica e alinhada à realidade digital dos estudantes. Além do expressivo número de interações, observou-se um retorno qualitativo positivo por meio de comentários e feedbacks dos alunos, que demonstraram entusiasmo com a proposta. Essa abordagem evidenciou o potencial das redes sociais para ampliar a participação discente e promover práticas pedagógicas inovadoras, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e envolvente.

A abordagem do gênero poema com os alunos do 9º ano da Escola Estadual Alfredo Gaspar de Mendonça foi realizada de maneira dinâmica e interativa, buscando explorar os elementos centrais que compõem esse tipo textual. Durante as aulas, os estudantes foram introduzidos ao conceito de poema, que foi apresentado como uma forma de expressão artística, marcada por seu uso criativo da linguagem e pela presença de subjetividade, ritmo e emoção. Foi destacada sua estrutura básica, incluindo a disposição em versos e estrofes, o uso de rimas (quando aplicável) e os recursos estilísticos que o diferenciam de outros gêneros. Além disso, discutiu-se o objetivo principal do poema, que é despertar sentimentos e reflexões, ampliando a sensibilidade e a criatividade tanto do autor quanto do leitor. De acordo com ORLANDI, (1983, p. 20): "A leitura é o movimento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores desencadeiam o processo de significação. Por isso, para enriquecer a explanação, foi realizado um momento deleite de leitura de poemas, como obras de Fernando Pessoa e Cecília Meireles, a fim de despertar uma análise prática e despertaram o interesse dos alunos para a criação textual.

Para estimular a produção de poemas e valorizar o trabalho dos estudantes, foi proposto um projeto de mural digital, nas plataformas do *Instagram*[9] e *Padlet*[10], com o objetivo de divulgar as poesias criadas pelos alunos. Essa iniciativa visava não apenas incentivar a prática da escrita criativa, mas também oferecer uma oportunidade para que os jovens compartilhassem suas produções em um espaço público, promovendo a descoberta de novos talentos. Apesar das expectativas iniciais, conforme já havia sido apontado pela professora supervisora, não foi

[9] https://padlet.com/pibidianoscomprofmercia/g-nero-po-tico-haf5vd7qova6nzlt
[10] https://www.instagram.com/p/CXBk9NTFfRh/?igsh=MWpzZHFpZmhmNTJvZA==
https://www.instagram.com/p/CXBnTW5lIe3/?igsh=OXZ4ZG81MW5mNHQ4

comum receber muitas devolutivas das atividades solicitadas, devido à falta de acesso ao celular e a internet para fazer as atividades – apenas 18 alunos de, aproximadamente, 90 enviaram à atividade. No entanto, os alunos que participaram se destacaram tanto pela criatividade quanto pela sensibilidade em suas composições. A experiência foi muito produtiva, pois esses estudantes sentiram-se valorizados ao verem seus trabalhos publicados e reconhecidos. Tal iniciativa mostrou-se eficaz para promover engajamento e motivação, evidenciando o impacto positivo que atividades integradas às tecnologias digitais podem ter no ensino do gênero poema.

FIGURA 7 – Algumas produções poéticas dos alunos.



7 ***Fonte:*** *@9anos.aulasdeportugues*

3.1.1 A Realidade da Sala de Aula: Relatos da Docência Efetiva

Na escola, desenvolvi o ensino do artigo de opinião em três etapas estruturadas, com o objetivo de proporcionar uma compreensão gradual e prática do gênero. Esse plano de aula foi planejado para ocorrer em três momentos distintos, cada um com duração de duas aulas, totalizando aproximadamente 120 minutos para cada etapa, no modelo presencial, pois os alunos já estavam em regime de aulas presenciais.

No primeiro momento, dediquei um tempo para que os alunos copiassem no caderno o conceito do artigo de opinião e compreendessem sua estrutura. Expliquei oralmente as principais características do gênero, dando exemplos e destacando os elementos que diferenciam o artigo de opinião de outros textos, como a importância da argumentação e do

posicionamento crítico do autor. Essa fase inicial, mais teórica, foi essencial para fundamentar o aprendizado e preparar os alunos para as etapas seguintes.

No segundo momento, trabalhamos com a interpretação de um artigo presente no livro didático. Embora esse texto não estivesse diretamente ligado ao contexto dos alunos, seguimos o planejamento proposto pelo material didático. Durante essa atividade, os alunos exploraram o texto, identificaram as ideias principais e observaram a organização dos argumentos, o que os ajudou a entender como a estrutura do gênero é aplicada na prática. A leitura orientada contribuiu para que eles reconhecessem as características do artigo de opinião em um texto real.

No terceiro e último momento, propus uma produção textual em sala, onde os alunos escreveram seu próprio artigo de opinião sobre um tema de escolha livre. Essa liberdade permitiu que explorassem assuntos de interesse, e incentivamos o uso do celular para realizar pesquisas rápidas sobre os temas escolhidos, tornando o processo mais dinâmico. Após a conclusão dos textos, fiz uma devolutiva individualizada para cada aluno, comentando sobre os pontos fortes e aspectos a melhorar. Esse feedback personalizado foi fundamental para reforçar o aprendizado e estimular o desenvolvimento das habilidades argumentativas de cada aluno, valorizando seu esforço e aprimorando sua compreensão do gênero.

Para o estudo do Gênero Crônica, iniciei com uma introdução ao conceito geral e à estrutura da crônica. Esse primeiro passo envolveu a escrita no caderno, onde os alunos registraram o conceito de crônica, além de uma visão geral sobre a organização desse tipo de texto. Realizamos uma explanação oral, abordando as principais características do gênero, como a observação de fatos cotidianos e o olhar crítico e reflexivo sobre situações aparentemente simples.

Em seguida, foi realizado um recorte temático adaptado às propostas do livro didático, que variava entre diferentes tipos de crônica, como a crônica lírica, contemporânea, jornalística ou humorística. Esse recorte temático possibilitou a exploração das distintas abordagens dentro do gênero, conforme os exemplos do livro. Cada tipo de crônica possui um estilo e uma finalidade específicos, e essa escolha ajudava os alunos a perceberem como o gênero pode ser moldado de acordo com o objetivo do autor. Por exemplo, exploramos as diferenças entre uma crônica jornalística, focada em eventos reais e reflexões sobre a sociedade, e uma crônica humorística, que utiliza o humor para criticar o cotidiano.

Após o recorte temático, os alunos anotaram no caderno explicações detalhadas sobre o tipo de crônica em foco, organizadas em tópicos, destacando as particularidades de cada estilo, como o tom, a linguagem e o propósito de cada tipo. Esse registro em tópicos ajudou a sintetizar as informações, permitindo que os alunos tivessem uma referência rápida e clara sobre as

características dos diferentes tipos de crônica. Dessa forma, os alunos puderam não apenas entender o conceito de crônica de maneira geral, mas também diferenciar estilos e abordagens, o que enriqueceu o aprendizado e tornou o estudo mais dinâmico.

Em outro momento, realizamos a interpretação de texto, utilizando crônicas do livro didático como base para análise. A interpretação foi guiada e seguiu a sequência pedagógica proposta pelo material didático. Durante essa atividade, os alunos foram incentivados a identificar as principais ideias do texto, analisar o tom e o estilo da crônica, e refletir sobre o tema abordado. Esse exercício de interpretação permitiu que aplicassem o conhecimento teórico adquirido, ajudando-os a reconhecer as características de cada tipo de crônica em um texto real.

Por fim, para a proposta de produção textual, incentivei os alunos a explorarem suas criações de maneira multimodal, indo além da simples entrega de um texto escrito. Foi solicitado que eles produzissem um curta-metragem, um podcast ou outro formato criativo que apresentasse a crônica criada, utilizando a própria voz, imagens e recursos audiovisuais que ilustrassem a narrativa. Esse trabalho foi realizado em grupos de três e quatro alunos, permitindo uma colaboração criativa e a divisão de tarefas. Ao final, cada grupo apresentou seu projeto em sala, proporcionando uma visualização imersiva da crônica e possibilitando que toda a turma acompanhasse e refletisse sobre as produções dos colegas.

O ensino do gênero poema iniciou com uma abordagem teórica para garantir que os alunos compreendessem os conceitos e elementos fundamentais que estruturam esse gênero textual. Durante as duas aulas, foi realizada uma explanação detalhada no caderno, na qual foram apresentados os principais aspectos do poema, como o conceito, a estrutura e os tipos de rima. Essa etapa inicial foi essencial para que os alunos adquirissem a base teórica necessária para analisar e interpretar textos poéticos, reconhecendo as características que tornam o gênero único dentro da literatura. O objetivo principal dessa abordagem foi proporcionar uma visão ampla e clara do poema, preparando os estudantes para as atividades subsequentes de leitura e interpretação.

Após a consolidação da parte teórica, as aulas avançaram para a leitura de poesias selecionadas, permitindo que os alunos tivessem contato direto com o gênero. As obras escolhidas foram apresentadas de forma que os estudantes pudessem refletir sobre as emoções, os temas e os recursos estilísticos presentes nos textos. A leitura foi acompanhada de momentos de discussão em sala, nos quais os alunos compartilharam suas impressões e interpretações, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativa. Em sequência, em mais duas aulas, e seguindo o cronograma do livro didático, os alunos responderam a exercícios de interpretação textual voltados especificamente para o gênero poema. Essas atividades permitiram que eles

aplicassem os conhecimentos adquiridos na prática, demonstrando interesse e engajamento durante as análises e discussões sobre os textos.

Embora o planejamento inicial previsse a realização de uma produção textual pelos alunos, essa etapa não pôde ser concretizada devido ao tempo reduzido e à necessidade de cumprir o cronograma escolar. Dessa forma, não houve a criação de poemas nem a publicação em murais digitais. Ainda assim, o trabalho com o gênero poema foi proveitoso, especialmente no que diz respeito à leitura e à interpretação textual. A interação dos estudantes com as poesias mostrou-se significativa, pois, mesmo sem a prática de produção escrita, eles demonstraram interesse e empenho na compreensão e análise do gênero, evidenciando o potencial de atividades teóricas e interpretativas no desenvolvimento de habilidades literárias.

3.1.1.1 Da Formação à Prática: Reflexões Comparativas entre o PIBID e à Docência Efetiva

Comparando minhas experiências de ensino no PIBID e na escola particular, algumas diferenças notáveis surgem. No PIBID, a estrutura das aulas permitia um nível maior de experimentação e inovação. Cada semana, eu me desafiava a trazer algo novo para os alunos – seja uma atividade diferente ou um exercício com formato inédito – sempre com o objetivo de manter o interesse deles. Essa variação constante de atividades surpreendia os estudantes, estimulando a curiosidade e a vontade de participar. Diferente disso, na escola, as aulas têm sido mais previsíveis e seguem uma rotina específica. Quando abordo gêneros textuais ou tópicos de gramática, os conteúdos e atividades seguem uma sequência quase fixa. Essa previsibilidade parece satisfazer a expectativa tanto da escola quanto dos pais, mas limita um pouco a capacidade de diversificar as abordagens pedagógicas.

Além disso, as aulas no PIBID foram muito mais contextualizadas e conectadas com a realidade dos alunos. Ao planejar uma atividade, eu sempre buscava integrar elementos do dia a dia dos estudantes, como textos de opinião que eles reconhecessem ou memes que falassem a mesma “língua” deles. Essa estratégia ajudava a criar uma atmosfera mais interativa e significativa, facilitando a identificação e o engajamento com o conteúdo. Na escola particular, no entanto, meu foco principal é seguir a sequência do livro didático. Como a instituição valoriza a conclusão dos módulos didáticos dentro dos prazos estipulados, os pais esperam que os conteúdos sejam trabalhados exatamente conforme o planejado no material. Assim, a flexibilidade para adaptar as aulas com recursos e temas que estejam de acordo diretamente com a vivência dos alunos é menor, pois a prioridade recai sobre a padronização e cumprimento do material pago pelos responsáveis.

Outra distinção importante é o uso das metodologias ativas no PIBID, especialmente durante o período de ensino remoto. Nessa experiência, a diversidade de estratégias foi crucial para atrair a atenção dos estudantes, que, no ambiente digital, necessitavam de uma maior interação para manter o foco. Utilizei diversos recursos que estimulavam a participação e autonomia, como questionários, debates e atividades colaborativas. Já nas aulas da escola, mantive um método mais tradicional. A estrutura das aulas seguia o padrão "explicação e exercício", sem muitos momentos para explorações interativas. O tempo para desenvolver atividades criativas ou inovadoras era limitado, em parte pela pressão de cobrir o conteúdo do livro.

No PIBID, o uso de recursos digitais foi essencial para criar aulas dinâmicas. Além do Google Meet, integrei plataformas como *YouTube*, *Instagram* e *Google Drive*. Essas ferramentas permitiam a continuidade das discussões e reflexões para além do momento da aula, incentivando os alunos a se envolverem mais profundamente com os conteúdos. Esse modelo permitia que eu explorasse diferentes mídias para manter o aprendizado vivo e em constante conexão com o cotidiano digital dos alunos. Na escola particular, em contrapartida, a aula permanece restrita ao espaço físico da sala de aula e ao livro didático. Não há plataformas online específicas para interação com os alunos fora do horário escolar, o que limita a oportunidade de aprofundar discussões ou explorar conteúdos de forma mais flexível.

Por fim, o contraste entre os meios de comunicação com os alunos nos dois ambientes de ensino é evidente. No PIBID, as plataformas digitais eram extensões naturais das aulas, e havia um espaço aberto para a troca constante de ideias e conteúdos relevantes. O engajamento dos estudantes ocorria também nesses canais, facilitando o acompanhamento e o reforço do que era discutido em aula. Na escola, as interações com os alunos fora da aula são restritas e se limitam a alguns momentos em redes sociais pessoais, que não são apropriadas para discutir temas programáticos.

TABELA 1 – Comparação entre as metodologias aplicadas no PIBID e na Escola

Aspecto	**PIBID**	**Escola**
Inovação nas aulas	Aulas constantemente inovadoras com atividades e formatos diferentes para surpreender e cativar.	Aulas previsíveis, com uma sequência esperada.

Contextualização dos conteúdos	Aulas contextualizadas com a realidade dos alunos, usando artigo de opinião e memes relevantes.	Foco no livro didático, com pouco espaço para adaptação ao cotidiano dos alunos.
Metodologias de ensino	Uso de metodologias ativas no ensino remoto para manter o interesse e a participação dos alunos.	Método tradicional com foco na explicação e exercícios, sem muitas variações interativas.
Recursos digitais	Integração de plataformas como YouTube, Instagram e Google Drive para estender o aprendizado.	Aula limitada ao ambiente físico e ao livro didático, sem plataformas online de interação contínua.
Comunicação com os alunos	Interações constantes nas plataformas digitais, reforçando o aprendizado fora das aulas.	Comunicação restrita ao ambiente escolar.
Tempo para a produção de materiais	Mais tempo disponível para planejar e criar materiais pedagógicos inovadores.	Menos tempo para criação de materiais devido à carga horária elevada na escola.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relatar minhas experiências profissionais trouxe à tona um misto de sentimentos, pois me permitiu enxergar o quanto evoluí ao longo do tempo, o que aprendi, reaprendi e adaptei, além das práticas que deixaram de funcionar ou que precisei abandonar. No PIBID, eu era mais motivada a inovar, a criar atividades únicas que realmente despertassem o interesse dos alunos, trazendo brilho aos seus olhos. A disponibilidade de tempo para planejar e o retorno positivo que recebia me impulsionavam a ir além, explorando ideias novas e aprimorando minha prática docente. Esses momentos me trouxeram muito prazer no ensino e na interação com os alunos, motivando-me a oferecer o melhor de mim em cada aula.

Na escola, por outro lado, adotei um modelo mais tradicional, uma escolha motivada pela carga horária extensa e pela percepção de que o método tradicional ajuda a manter a

disciplina e o foco dos alunos. Os estudantes já estão habituados a essa abordagem, o que gera uma espécie de “conforto” para eles, por ser algo previsível e mais fácil de assimilar sem grande esforço mental. Eles mostram resistência quando algo fora do padrão é introduzido, pois isso exige mais pensamento crítico, participação e produção de conteúdo. A impressão que tenho é que muitos se sentem desmotivados ou sem energia para se engajar em métodos que desafiem seu senso de rotina. As novas tecnologias digitais, embora predominantes no cotidiano deles, nem sempre favorecem o foco na sala de aula, o que dificulta a introdução de metodologias mais inovadoras.

Sinto falta do tempo que eu tinha para planejar e idealizar atividades criativas e engajadoras. O ritmo atual de trabalho, com exigências e prazos constantes, acaba sufocando minha motivação para criar aulas mais inspiradoras. Muitas vezes, a sensação é de estar cumprindo uma série de tarefas por necessidade e não tanto pelo prazer de ver os alunos aprenderem de forma significativa. A pressão para seguir o cronograma e atender às demandas administrativas tem reduzido minha liberdade para implementar aulas contextualizadas e interativas, o que, de certa forma, limita minha satisfação com o próprio trabalho.

Por outro lado, percebo que meu emocional está mais estável em relação às frustrações. Aprendi a lidar com as limitações da sala de aula e, ao seguir um planejamento mais estruturado, consigo obter resultados consistentes sem esperar “milagres” ou grandes surpresas. Ao optar por práticas que já sei que funcionam, não dependo mais de expectativas irreais, o que torna o dia a dia menos estressante. Ainda assim, psicologicamente, a pressão da rotina intensa acaba me desgastando, o que reflete no meu nível de energia e entusiasmo para inovar e explorar novas metodologias.

Apesar disso, desejo continuar a evoluir, modificando gradualmente minha prática para oferecer uma experiência de ensino mais rica e atrativa. Quero que os alunos percebam o valor de participar e de produzir ativamente, ao invés de serem apenas espectadores. Sei que é possível engajá-los mais e fazer com que o aprendizado se torne um processo de descoberta, no qual cada aula traz o inesperado e instiga a curiosidade. Tenho consciência dos desafios, mas acredito que uma mudança gradual e fundamentada em uma abordagem contextualizada e envolvente pode realmente transformar a experiência de aprendizado para todos.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2007.

SCLIAR, Moacir. A crônica de Moacyr Scliar. WebMosaica, Porto Alegre, n. 1, p. 101-102, jan-jul. 2011. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/22368/13024 acessado em 15 nov. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

ORLANDI, Eni Pucinelli.(et al). Discurso e leitura. São Paulo:. Editora da Unicamp, 1983